

A SEMÂNTICA COGNITIVA SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

A. Ariadne Domingues Almeida (UFBA)
Neila Maria Oliveira Santana (UNEB)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo ora iniciado, discutimos como a Semântica em Linguística Cognitiva é entendida, bem como tecemos considerações acerca da simbiose entre as dimensões social, histórica, cultural, além da dimensão cognitiva, na geração do significado, logo levamos em consideração a abordagem ecológica da cognição, compreendendo que o significado não pode ser dissociado das distintas dimensões da vida humana e que, sendo perspectivista, flexível e dinâmico, é construído nas interações das quais participamos, no devir da nossa história. Ademais, destacamos dificuldades existentes para composição de corpus em estudos da área, procurando demonstrar que obstáculos encontrados, como delimitação de uma amostra, podem ser sanados, se entendermos a linguagem e o próprio corpus (*corpora*) como fractais e se adotarmos a Técnica da Saturação. O capítulo reflete, então, acerca da tessitura do conhecimento científico sobre o significado em Linguística-Semântica Cognitiva, enfocando, ainda que parcialmente, seus postulados e aspectos metodológicos, assim como seu desenvolvimento, apontando desdobramentos, criados a fim de aprimorar o modelo. Para isso, além dessas considerações iniciais, das finais

e das referências, este texto é formado por três seções, nas quais expomos os fios tecidos em nossa argumentação. A seguir, na sua primeira seção, expomos premissas desse campo do conhecimento, bem como colocamos em destaque o termo que condensa algumas perspectivas teórico-metodológicas e tratamos de implicações epistemológicas atreladas a percepções metonímicas que sustentam a construção de saberes acerca do significado pela área.

1 LINGUÍSTICA-SEMÂNTICA COGNITIVA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Ferrari (2011) observa que o uso do termo Linguística Cognitiva para denominar o modelo teórico que surgiu na Linguística nos finais da década de 1970 poderia soar inadequado. Afinal, em Linguística, a perspectiva cognitivista foi inaugurada, nos finais dos anos 1950 por Chomsky. Ademais, desde a década de 1960, essa nomenclatura já se registrava, em estudos sobre a linguagem, de modo que não era propriamente original, não gozando, nas palavras da mesma autora, do frescor necessário para denominar esse novo campo do conhecimento pretendidamente interdisciplinar. Apesar da sua perspectivação metonímica que enfoca, apenas, uma dimensão do saber construído em Linguística Cognitiva, esse termo consolidou-se e, hoje, é usado sem objeções, em diferentes centros acadêmicos do planeta.

A Linguística Cognitiva, no entanto, não é exclusivamente cognitiva, como o termo que a denomina poderia fazer pensar alguém desavisado, então, estudiosos da área ressaltam que se trata de uma abordagem, além de cognitiva, social e cultural da linguagem. Silva (2010b), por exemplo, assinala que “a Linguística Cognitiva tem empreendido uma recontextualização [...] sócio-cultural, incorporando as dimensões sociais e culturais da linguagem” (SILVA, 2010b, p. 1551). Salomão, também, aponta que “existe hoje uma postura programática relativa ao tratamento dos fenômenos que compõem o portfólio analítico da LC¹ e que reivindica que esses fenômenos tenham como seus fundamentos constitutivos não apenas elementos cognitivos mas também sócio-culturais” (SALOMÃO, 2010, p. 21), o que a mesma autora já havia, anteriormente, postulado, no final da década de 1990 (SALOMÃO, 1999). Ibarretxe-Antuñano, por sua parte, considera que “a ideia principal que subjaz ao conceito de corporificação é que o significado está baseado na natureza dos nossos corpos e em nossa percepção e interação com o mundo físico, social e cultural que nos rodeia²” (IBARRETXE-ANTUÑANO,

¹ Neste capítulo, a abreviatura LC deve ser desdobrada em Linguística Cognitiva.

² Nas palavras da própria autora: “la idea principal que subyace a este concepto [corporeización] es que el significado está basado en la naturaleza de nuestros cuerpos y en nues-

2018, p. 40, tradução nossa). Assim, a autora ressalta que não se deve pensar sobre significação, desconsiderando a mente corporificada do conceptualizador-categorizador, em suas vivências cotidianas. Vereza (2016), ademais, problematiza a questão, ao tratar de uma possível dicotomização entre cognição e sociedade, assim como entre cognição e cultura:

Ao ser convidada para fazer parte de uma mesa-redonda intitulada *Cognição e Sociedade* [...] busquei, entre os estudos que desenvolvia, ou entre os que pretendia desenvolver, aquele que mais poderia contribuir para o tema proposto [...] No entanto, um dos fundamentos da Linguística Cognitiva (LC) que, inclusive, a distanciou da Linguística Gerativa [...] é justamente a inseparabilidade entre o cognitivo e o social. Sendo assim, a conjunção coordenativa aditiva “e” no título *Cognição e Sociedade*, juntamente com sua aparente implicação no estabelecimento de uma possível dicotomização entre os dois conceitos, colocou-se como um elemento potencialmente problematizável em si mesmo. No âmbito da Linguística Cognitiva, a cognição é vista como: inerentemente social e cultural, não apenas em termos de as pessoas compartilharem os tópicos ou os resultados de suas interações, mas em termos das práticas interpretativas por meio das quais as pessoas constituem os tópicos e os resultados de suas interações. (SAFERSTEIN, 2010, p. 113) [...] Com base nessas considerações, que emergiram da problematização de uma possível dicotomização conceitual entre “cognição e sociedade”, o objetivo deste trabalho foi redirecionado para uma breve reflexão em torno da relação entre os dois conceitos e, principalmente, como essa relação tem sido abordada em alguns estudos da área. (VEREZA, 2016, p. 561-563).

Por fim, a mesma autora ratifica a inseparabilidade entre cognição e sociedade:

Retomando um dos pontos centrais discutidos até o momento, ou seja, a dicotomização entre cognição e sociedade, reafirmamos que esta não encontra suporte nos postulados da Linguística Cognitiva, que tem a cognição corporificada como um de seus principais fundamentos. Isso não impede, no entanto, que essa dicotomização se “infiltre” em várias proposições encontradas nessa área do conhecimento [...] (VEREZA, 2016, p. 567).

As retomadas de pensamentos de distintos autores, aqui feitas, ratificam a inseparabilidade entre a linguagem e as dimensões cognitiva, social e cultural da vida, como elementos que, simbioticamente, possibilitam a construção de significados, no discurso, então, por isso, foram transcritas, de modo a corroborar com a linha argumentativa que seguiremos para pensarmos limites e desafios postos, teórica e metodologicamente, aos estudos em perspectiva semântico cognitiva sócio-histórico-cultural.

tra percepción e interacción con el mundo físico, social y cultural que nos rodea”. (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 40).

Dito isto, avaliamos ser necessário destacar que as considerações, antes apresentadas em relação à Linguística Cognitiva, se estendem à Semântica Cognitiva, entendida, por vezes, como a própria Linguística Cognitiva, porque essa vertente da Linguística é semantocêntrica, pois prioriza o significado da linguagem, conforme já ressaltado por Batoréo (2000, p.131-132):

[...] a filosofia defendida é de tal maneira diferente de toda teoria anterior que podemos falar de uma verdadeira “revolução linguística”. A sua característica principal é tratar-se de uma área cognitiva que concebe os estudos linguísticos, muitas vezes apenas implicitamente, como fazendo parte da ciência cognitiva. É frequentemente denominada tanto como *lingüística*, como *semântica*, ou como *gramática cognitiva*, devendo-se a coexistência da multiplicidade dos termos ao facto de a “*semântica*” ser, aqui, entendida de um modo muito lato, isto é, estendendo-se não apenas às áreas lexicais – no sentido tradicional desenvolvido na semântica lexical – mas abrangendo, igualmente, a semântica dos marcadores gramaticais, isto é, morfemas gramaticais (flexionais e derivacionais), assim como marcadores suprasegmentais e pragmáticos, cobrindo, praticamente, quase toda a área dos estudos linguísticos.

A Linguística Cognitiva e suas ilhas teóricas, dentre essas, a Semântica Cognitiva, entendem, como já pontuado, que a cognição é situada. Logo, não nos cabe separar as dimensões da linguagem das demais dimensões da vida humana. Afinal, como postula Johnson,

a compreensão não consiste apenas de reflexões posteriores a experiências prévias; em um sentido mais profundo, é o modo (o meio pelo qual) temos essas experiências. É o modo como o nosso mundo se apresenta diante de nós, o qual é consequência do impressionante complexo da nossa cultura, língua, história e mecanismos corporais que se fundem para fazer de nosso mundo o que ele é³. (JOHNSON, 1987, p. 104, tradução nossa).

Nas palavras de Johnson, a dimensão histórica da vida, nem sempre destacada em estudos linguísticos cognitivos, logo, também, semânticos cognitivos, é posta ao lado da dimensão cultural e dos mecanismos corporais da nossa espécie, para que juntos façam surgir na e pela linguagem os nossos mundos possíveis.

Destacados aspectos do pensamento teórico da Linguística-Semântica Cognitiva, na próxima seção, abordamos a separação que ocorre entre seu arcabouço teórico e seus resultados, a fim de propormos reflexões que possam, de alguma

³ Nas palavras do próprio autor: “Understanding doesn’t consist merely on after-the-fact reflections on prior experiences; it is, more fundamentally, the way (or means by which) we have those experiences in the first place. It is the way our world presents itself to us. And this is the result of the massive complex of our culture, language, history, and bodily-mechanisms that blend to make our world what it is”. (JOHNSON, 1987, p. 104).

forma, contribuir para a elaboração de conhecimentos ecológicos acerca de como são construídas e funcionam as teias da linguagem e do significado, fenômenos ubíquos à existência humana, que, a partir de um conjunto de ações consensuais coordenadas, faz emergir a própria existência humana.

2 AUSÊNCIAS E URGÊNCIAS EM LINGUÍSTICA-SEMÂNTICA COGNITIVA

Como observa Silva (2009), o experiencialismo constitui a filosofia da Linguística Cognitiva. Entretanto, o entendimento de Lakoff e Johnson (1999) desvela, apenas, uma parcela do processo de conceptualização humana, já que

a tese da corporização (“*embodiment*”) do pensamento e da linguagem ou a filosofia na carne foca a vertente individual e universal da cognição humana (o corpo é um universal da experiência humana), o seu lado físico e neurofisiológico, recentemente explorado por Lakoff (2003) na sua Teoria Neural da Metáfora. Ora, tendo a experiência humana uma dimensão também colectiva e interactiva, social, cultural e histórica e, portanto, variacional, impõe-se não reduzir a filosofia experiencialista e o princípio da corporização a operações neurais meramente individuais [...] a natureza socialmente interactiva da linguagem e o seu ambiente cultural devem ser reconhecidos como elementos igualmente fundacionais da perspectiva cognitiva (SILVA, 2009, p. 4).

Silva (2009), entre outros estudiosos, põe em pauta a problematização teórica oriunda das tensões individual *vs* social e não-universal *vs* universal, isto porque, aqui e ali, fica explícito que o pensamento metonímico disciplinar, ainda, aflora em Linguística-Semântica Cognitiva, apesar de a área reconhecer as conexões existentes entre as dimensões da vida, para a geração da linguagem e do significado, portanto da própria vida e das diferentes práticas sócio-histórico-culturais realizadas pelos viventes. Então, em face dos dilemas enfrentados por uma perspectiva científica interdisciplinar que emerge de uma tradição disciplinar, a Linguística-Semântica Cognitiva procura vencer a secção, para entender como a linguagem e o significado emergem dessas conexões feitas nos distintos atos comunicativos dos quais participamos, enquanto seres individuais-sociais, no devir da formação histórica das nossas variadas sociedades-culturas.

Pesquisadores da área têm, assim, apontado para conexões que têm deixado de ser feitas, assim como têm procurado estabelecê-las, para atingirem um melhor entendimento das emergências que são a linguagem e o significado e, assim, alcançarem um conhecimento mais aproximado a propósito desses fenômenos. Desse modo, no que concerne ao estudo da inter-relação entre linguagem, cognição e sociedade, em 2009, portanto, há uma década, Silva escrevia: “existem, todavia, algumas resistências à inevitabilidade de integrar na agenda

da Linguística Cognitiva a variação lectal (dialectal, sociolectal, idiolectal) e outros aspectos sociais da linguagem” (SILVA, 2009, p. 511). E, em 2010, ainda, salientava urgências da área, particularmente, da Semântica Cognitiva:

[...] para conseguir cumprir integralmente o seu programa, a Semântica Cognitiva terá que integrar mais sistematicamente a situacionalidade sócio-cultural do significado [...]. Afinal, as perspectivas cognitiva, social e empírica têm de deixar de ser inimigas íntimas para se tornarem companheiras de armas (SILVA, 2010b, p. 52-53).

Também, por sua parte, Kövecses (2009, p. 264), nos anos 2000, ponderava:

as dimensões sociais incluem a divisão da sociedade entre homens e mulheres, jovens e velhos, classe-média e operários, e assim por diante. Os homens, os jovens ou a classe-média usam metáforas diferentes das que mulheres, os velhos ou os operários utilizam? Atualmente não dispomos de estudos sistemáticos realizados a partir da perspectiva da linguística cognitiva. Porém possuímos evidências de que alguns desses fatores podem produzir variação na conceitualização metafórica (KÖVECSES, 2009, p. 264).

O mesmo Kövecses (2009) coloca uma série de questões que o linguista cognitivo precisa responder, para compreender melhor a variação no âmbito do fenômeno metafórico, logo, semântico: “1) Quais metáforas são universais? Por quê? 2) Em que dimensões as metáforas variam? 3) Quais aspectos da metáfora são afetados pela variação metafórica? 4) Quais são as principais causas da variação? 5) Como as causas que produzem variação interagem com as que produzem universalidade?” (KÖVECSES, 2009, p. 259). Essas e outras questões foram e são colocadas para a área, de tal sorte que outros campos do saber foram criados como ilhas teórico-metodológicas da própria área, com a finalidade de respondê-las. Assim, surgiu, entre outras vertentes, a Sociolinguística Cognitiva que, como observa Pizarro Pedraza (2013), é uma proposta teórica e prática que vem sendo delineada, desde os anos 2000, a fim de inserir, de modo sistemático, informações sociolinguísticas na semântica.

Como assinala Pizarro Pedraza (2013), essa nova ilha teórico-metodológica, emergente no arquipélago da Linguística Cognitiva, objetiva explicitar, empiricamente, a base social da categorização, para, assim, revelar relações complexas entre cognição e sociedade, postulando que grupos distintos, em condições sociais, geográficas e diversas terão um conhecimento de mundo que implicará diferentes conceptualizações. A Sociolinguística Cognitiva compreende, por conseguinte, que o estudo da linguagem e do significado deve incluir a investigação de variáveis contextuais, sociais e regionais, com a finalidade de compreender como a variação semântica observada se deve a questões conceptuais e/

ou sociais. Atualmente, inclusive, autores, como a própria Pizarro Pedraza (2013) procuram agregar conhecimentos obtidos a partir de estudos da Terceira Onda da Sociolinguística, para entenderem a variação semântica.

Para além das lacunas existentes sobre como ocorrem as conexões entre sociedade e cognição e do exercício para o alcance de uma melhor compreensão dessas conexões, no âmbito da cultura e da cognição, também se acham omissões, bem como esforços de pesquisadores para gerarem conhecimentos aproximados sobre as relações que ocorrem entre essas duas dimensões da existência humana, por conseguinte, estudiosos das Ciências Sociais e da própria Linguística-Semântica Cognitiva refletem sobre a questão.

Sobre cognição e cultura, no tocante aos desafios postos, Leezenberg (2016 [2013], p. 25) observa que, “apesar do inegável sucesso da linguística cognitiva, sua concepção cognitiva de cultura continua insatisfatória, valendo-se de asserções românticas e obsoletas”, o que é, de algum modo, ratificado por Kövecses (2009), ao afirmar que, apesar de o livro *Metaphors we live by* ter inspirado antropólogos, não tardou para que pesquisadores da antropologia se dessem conta de que a obra não atendia a necessidades dessa área, isto porque linguistas cognitivos tenderam, de um lado, à superestimação da universalidade de estruturas metafóricas e, de outro, à subestimação da não-universalidade. Ademais, ainda, no seio da Linguística-Semântica Cognitiva, Ibarretxe-Antuñano (2018, p. 40, tradução nossa) pontua que,

apesar de o fator cultura está intimamente ligado ao fator corporificação, desde os primeiros estudos em linguística cognitiva, durante a primeira década dos anos 2000, alguns autores deste modelo teórico se centraram mais nos aspectos físicos e sensorio-motores da motivação do significado, deixando assim de lado o papel da cultura [...] Só basta dar uma olhada em alguns trabalhos básicos como o dicionário de termos da linguística cognitiva de Evans (2007) para ver que a cultura simplesmente desaparece da equação⁴.

Ibarretxe-Antuñano (2018) observa que os conceitos expressos pela linguagem se baseiam na experiência corporal e cultural do ser humano e são estruturados, sistematicamente, por meio de mecanismos cognitivos. Assim, quando pensa a

⁴ Nas palavras da própria autora: “A pesar de que el factor de la cultura está íntimamente ligado al de corporeización desde los primeros estudios en lingüística cognitiva, durante la primera década del 2000, algunos autores dentro de este modelo teórico se centraron más en los aspectos físicos y sensorio-motores de la motivación del significado, dejando así de lado el rol de la cultura [...] Solo hace falta echar un vistazo a algunos trabajos básicos como el diccionario de términos de lingüística cognitiva de Evans (2007) para ver que la cultura simplemente desaparece de la ecuación” (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 40).

cultura, colocando-a em plano secundário, a Linguística-Semântica Cognitiva chega a resultados nem sempre positivos, como no caso das metáforas primárias, entendidas como universais, embora nem sempre sejam, de fato, universais. Para a compreensão mais aproximada da universalidade vs não-universalidade das metáforas, como postula a autora, devemos considerar, especialmente, que toda base experiencial se baseia em aspectos físicos e sensorio-motores da espécie, mas passa, também, necessariamente, por um filtro cultural, concebido como mecanismo ativo que manipula elementos culturais de duas maneiras, quer filtrando elementos culturais apropriados, no que concerne às premissas culturais da língua estudada, quer impregnando de informação cultural as correspondências culturais em determinados domínios particulares, diferenciando-as de outros sistemas culturais e sociais.

Além disso, sobre a interconexão entre cognição-cultura-linguagem e observando particularmente, a metáfora, Pérez (2018) pondera que, quando significados de uma cultura se manifestam por meio de uma metáfora, sua repetição funciona como ressonância cognitiva e os efeitos dessa ressonância, por sua vez, agem como fatores que contribuem para sedimentação ideologizada de uma realidade. Como ressalta a autora, as vicissitudes desse processo de repetição, sedimentação, fixação de metáforas relacionam-se a circunstâncias da vida dos povos, por conseguinte, a circunstâncias atreladas aos lugares de poder ocupado pelas pessoas conceptualizadoras-categorizadoras nas práticas sócio-histórico-culturais. E conforme a autora, as manobras para que uma metáfora se fixe ou seja desmontada revelam a importância desse fenômeno para a compreensão ideológica da realidade e provam que o discurso não é só a arena de luta, mas o próprio objeto da luta, em si. Então, a metáfora, nos discursos de um povo, tem capacidade ideológica de definir realidades. Assim, quando uma visão de um processo histórico é fixada, em expressões metafóricas, e essas circulam nos discursos como o único modo de ser entendido, então, será difícil construir outra visão desse mesmo processo (PERÉZ, 2018).

Peréz (2018), também, ressalta que metáforas, ao migrarem de uma cultura para a outra, cruzam fronteiras e o fato de adotarmos metáforas de outros discursos mostra a inter-relação entre metáfora-sociedade e, também, a relação com a história, pelo que pensamos; metáforas, tomadas de outras culturas, acabam sendo adotadas e adaptadas, de sorte a moldar nossa realidade, nosso modo de entendermos o mundo. Aqui, precisamos salientar a intrínseca inter-relação da história com a sociedade e com a cultura, não poucas vezes posta em plano secundário nos estudos do significado, produzidos em Linguística-Semântica

Cognitiva. Pérez (2018) também observa que metáforas inscrevem significados da cultura em que circulam, que são lidas e guardam relação de contiguidade com metáforas adjacentes, com aquelas que provêm de uma tradição que as acata ou mesmo que as contesta. Ademais, a autora (PERÉZ, 2018) ressalta que as metáforas usadas por um grupo social condensam suas crenças, suas visões de mundo; essas metáforas têm a capacidade de gerar e de fixar sentidos com função cognitiva-ideológica, na produção do discurso. Em seu percurso histórico, toda metáfora inscreve-se nas suas relações com outros discursos adjacentes e nas suas vinculações com a ordem social na qual é produzida, circula e propaga-se pela leitura.

A relação entre linguagem, cognição, sociedade e cultura é indiscutível e constrói-se no tempo. No entanto, a dimensão histórica do sistema conceptual e da linguagem, bem como do significado, geralmente, como antes já assinalamos, é, por vezes, obliterada, de tal modo que os efeitos da flecha do tempo, na constituição do sistema conceptual humano, logo, no sistema linguageiro, apenas, são enfocados em estudos especializados acerca da história da linguagem, por conseguinte, nem todo estudo produzido, no âmbito desse campo da ciência, enfoca a dimensão histórica, embora pesquisas acerca da linguagem no devir do tempo, sob sua égide, já sejam realizadas, desde a década de 1990, com um texto seminal de Geeraerts (1997).

Se partirmos da compreensão da cognição como situada, qualquer estudo em Linguística-Semântica Cognitiva deveria ser sócio-histórico, sendo elaborado não apenas com temporalidade, mas também com historicidade, sendo temporalidade e historicidade concebidas não necessariamente como lineares, mas antes como redes, entendendo que aquilo que é elaborado, hoje, na linguagem, é resultado de tramas que não têm causas únicas e lineares, conforme preconizado pela Teoria da Complexidade e disposto por Morin (2015 [1999], p.77):

[...] [É] preciso aprender a ultrapassar a causalidade linear causa → efeito. Compreender a causalidade mútua interrelacionada, a causalidade circular (retroativa, recursiva), as incertezas da causalidade (por que as mesmas causas não produzem sempre os mesmos efeitos, quando os sistemas que elas afetam têm reações diferentes, e por que causas diferentes podem provocar os mesmos efeitos).

Então, em Linguística-Semântica Cognitiva em perspectiva sócio-histórico-cultural,

o pensamento que une substituirá a causalidade linear e unidirecional por uma causalidade em círculo e multirreferencial; corrigirá a rigidez da lógica clássica pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas,

e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes (MORIN, 2015 [1999], p. 92-93).

Tendo em conta a necessidade de alcançarmos conhecimentos mais aproximados da geração e funcionamento da linguagem e do significado, questões precisam ser postas na agenda dos estudos em Linguística-Semântica Cognitiva, dentre outras, citamos: Como as categorias se comportam no tempo? Como variam? Como se conservam? Como mudam? Como as dimensões social, cultural atuam na manutenção, variação e mudança do significado? Como estudar a significação sem mutilar suas dimensões constituintes no tempo? Como constituir *corpus/corpora* para elaborar estudos que visem a compreender as inter-relações entre as dimensões atuantes na geração da linguagem e do significado?

Isto posto, na seção a seguir, procuramos apresentar uma proposta metodológica para constituição de *corpus/corpora* para realização de pesquisa semântica em perspectiva cognitiva-sócio-histórico-cultural, focalizando, particularmente, o passado do sistema conceptual do ser humano e da sua linguagem, já que a dimensão histórica é menos desbravada, sendo, portanto, menos conhecida. Antes de apresentarmos a proposta, observamos que, embora haja outras vias metodológicas, também válidas, consideramos que a perspectiva aqui aduzida possui a vantagem de nos permitir controlar a constituição do material textual a ser pesquisado, não nos limitando ao léxico nem nos prendendo à visão de outro pesquisador que constitui *corpora* eletrônicos etc. Assim sendo, pensamos que essa proposta nos torna aptos a enfrentar questionamentos importantes que se colocam, diante de nós, quando nos disponibilizamos a adentrar na seara da significação, para gerarmos estudos interdisciplinares que procuram não partir os fios constituintes da teia do significado e da linguagem.

3 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA EM LINGUÍSTICA-SEMÂNTICA COGNITIVA

Nas linhas que se seguem, então, propomos pensar um caminho metodológico para o estudo do significado, pois a metodologia adotada implicará diretamente nos resultados a serem alcançados. Ao nos dedicarmos ao passado sócio-histórico-cultural da linguagem, nos debatemos com diversos obstáculos e a principal dificuldade refere-se à constituição da amostra para a realização das nossas investigações, uma vez que as informações disponíveis são escassas e incompletas. Nesse sentido, Conde Silvestre (2007) afirma que os textos remanescentes do passado apresentam dois problemas básicos: 1) a conservação por meio da escrita; e 2) a fragmentação da amostra. O primeiro diz respeito ao fato de os textos conservados no meio escrito aparecerem, não poucas vezes,

de forma isolada, desprovidos do contexto e da situação em que se originaram, o que gera, no mínimo, alguma dificuldade, já que quem se debruça sobre o passado da linguagem precisa ter conhecimento sobre o contexto social em que as pessoas produtoras dos textos estavam inseridas. Isso significa, por exemplo, que alguns fatores, como categoria social, escolaridade, podem deixar lacunas, pois, ao contrário do que ocorre no estudo de sincronias atuais, os chamados informantes não estão mais à disposição do investigador. O segundo problema refere-se à fragmentação da amostra, porque os textos do passado são restos textuais muito mais amplos, que sobreviveram por obra do acaso, “por azar” (ou sorte), até os nossos dias. (LABOV, 2008 [1972])

Além desses problemas, outra questão que consideramos, no estudo sócio-histórico-cultural do passado da linguagem, incide diretamente na representatividade da amostra, pois o trabalho dos pesquisadores está reservado ao que literalmente sobrou de um texto ou dos textos, com a passagem do tempo. Isso constitui um obstáculo para os estudos cognitivos em perspectiva sócio-histórico-cultural, visto que a quantidade e a qualidade dos textos variam consideravelmente de um recorte temporal para outro, mas sempre precisaremos fazer o melhor uso do que a documentação remanescente nos legou. Silva e Silva (2013) destacam que alguns autores consideram que quanto maior for um corpus maior será sua representatividade, outros consideram-no uma compilação finita, de qualquer tamanho, de material linguístico; desse modo, “não há consenso sobre o tamanho mínimo para que um corpus seja indicado como representativo” (SILVA; SILVA, 2013, p. 5). Ao tratar desta questão aplicada à pesquisa do passado da linguagem, Kabatek (2013) afirma que a constituição de um corpus representativo é, empiricamente, impossível. Primeiro, porque a língua não é a soma de textos nem é o mesmo que texto, vai além disso e, segundo, porque não é possível envolver toda a produção de textos existentes em uma língua, em uma investigação. Além disso, a construção de um corpus envolve a subjetividade que não possui parâmetros uniformes, em qualquer área do conhecimento, tendo em vista que a produção de saberes se dá a partir de um processo aproximativo e nunca definitivo e absoluto.

Diante das dificuldades, aqui resenhadas e enfrentadas por quem se dedica a estudar a linguagem de tempos pretéritos, em perspectiva sócio-histórico-cultural, Almeida (no prelo), pensando sobre a constituição de *corpora*, propõe a junção de princípios gerais da Teoria da Complexidade (MORIN, 2015 [1999]; CAPRA, 2006 [1996]) e elementos da Teoria dos Fractais (PAIVA, 2010; MORS, 2010), para, assim, discutir a construção de *corpus/corpora* de uma pesquisa

sócio-histórica-cognitiva⁵ e, também, priorizando a abordagem da qualidade, em vez de seguir o viés da quantificação.

Conforme indica Almeida (no prelo), pesquisadores, variadas vezes, compõem seu corpus privilegiando a quantificação, “desconsiderando que padrões de organização próprios do fenômeno, objeto de estudo, exatamente, por serem padrões de organização, ocorrerão em qualquer ‘pedaço de corpus’, isto se considerarmos o princípio ‘holográfico’ da complexidade” (ALMEIDA, no prelo), tanto para compreendermos a linguagem, quanto para entendermos o que é um corpus e/ou os *corpora*. Partindo do princípio holográfico, a autora mostra que, em um corpus constituído por cartas, por exemplo, uma carta possui o padrão de organização de todas as cartas, isto é, a configuração das relações responsáveis por propiciar a um sistema de cartas suas características essenciais, então, entende que, apenas, variará a estrutura da carta, ou seja, as realizações linguísticas, ou, por outras palavras, a incorporação física do seu padrão de organização; assim sendo, cada parte reflete a estrutura do todo. Desse modo, ela compreende que a parte está no todo e o todo está na parte. Nesse sentido, deixamos de ver as coisas somente quantitativamente e passamos a vê-las, também, com um olhar qualitativo; isso, segundo Almeida (no prelo), é pensado por meio do conhecimento matemático dos fractais; uma matemática gerada para dar conta de objetos fragmentados e irregulares, com estrutura que se repete em escalas distintas.

A Teoria dos Fractais é um modelo matemático desenvolvido na segunda metade do século XX, por Mandelbrot, para tratar de casos que a clássica Geometria Euclidiana não dava conta. O referido autor parte do princípio de que esta última não é capaz de descrever as formas e fenômenos complexos e irregulares encontrados na natureza, como as nuvens, as montanhas, as flores, as árvores etc., tratando-as como desvio do padrão e não um padrão repetidamente encontrado dentro de um sistema dinâmico. Um aspecto importante da forma dos fractais é a autossimilaridade que, de acordo com Capra (2006 [1996]), significa que cada parte de um fractal, em escala menor, é igual ou semelhante a todo o fractal, o que significa que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo. Mandelbrot ilustra esta propriedade de autossimilaridade dos fractais, com o rompimento em pedaços de uma couve-flor, apontando que, por si mesma, cada parte pode ser vista como uma outra pequena couve-flor e, logo, cada pequena parte assemelha-se à

⁵ Anteriormente, Almeida (no prelo) não abordou a dimensão cultural do significado, diferente da proposta atual.

couve-flor inteira. Desse modo, pode-se demonstrar, matematicamente, que, na parte, já está inscrito o todo e, portanto, que a parte não somente é um todo em si mesmo, mas que ele é, ao mesmo tempo, uma réplica desse todo.

Outra característica importante de um fractal parte da ideia de interação, ou seja, a repetição infinita de um determinado padrão geométrico (CAPRA, 2006 [1996]). Assim, além da autossemelhança e da irregularidade, os fractais possuem complexidade infinita. A partir dessas noções, segundo Almeida (no prelo), quando um corpus é entendido como um fractal, cada texto é um texto. Sendo assim, no caso específico do gênero carta, cada carta de amor é uma carta de amor, que, embora independentes, são semelhantes a todas as outras cartas de amor.

Ao se estudarem as conceptualizações do amor, do mesmo modo, os padrões de organização do amor podem estar presentes, em um número pequeno ou grande de cartas, assim como em seus fragmentos, como confirmado em Santana (2019), por exemplo, quando diz que uma metáfora como AMOR É OBJETO POSSUÍDO ou uma metonímia como APROXIMAÇÃO POR AMOR são parte do padrão de organização conceptual do AMOR instanciado na estrutura linguística das cartas de amor. Esses padrões estarão nas cartas de amor independente do lastro temporal em que foram escritas, do gênero, da classe social, da escolaridade e da naturalidade de quem as escreveu, conforme averiguado por Santana (2019). Dessa forma, as conceptualizações metafóricas e metonímicas, que constituem o padrão de organização do amor, nessas cartas, serão, também, independentes, mas similares em todas as cartas, ao menos nas cartas de amor estudadas por Santana (2019).

Tendo em vista dificuldades encontradas para composição de corpus/*corpora*, nos estudos cognitivos-sócio-histórico-culturais, para determinar o tamanho final de uma amostra, um caminho a ser seguido é associar a Teoria dos Fractais à Técnica da Saturação Teórica, como feito por Santana (2019). A Saturação Teórica é uma técnica utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa, na qual, na coleta de dados, o tamanho da amostra não é definido pela quantidade, mas pelo critério da saturação. O termo saturação começou a ser explorado por Glaser e Strauss (1967), para indicar o momento da coleta em que o acréscimo de dados não traz informações novas ou relevantes que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa; sendo assim, o levantamento de novos dados é suspenso, quando esses dados, na avaliação do pesquisador, começam a apresentar redundância ou repetição, não sendo produtivo dar continuidade na coleta, pois já se têm informações suficientes para uma investigação.

Os limites de um corpus e dos *corpora*, desse modo, não podem ser dimensionados a priori, pois “o pesquisador precisa coletar dados até que todas as categorias estejam saturadas, caso contrário, a teoria será construída de forma irregular e não terá densidade e precisão.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 205). Em vista disso, a avaliação da saturação teórica, a partir do estudo de uma amostra, é feita por um processo contínuo de estudo de dados, iniciado já no começo do processo de coleta, no qual o pesquisador deverá fazer seleção e estudo das ocorrências, concomitantemente. Godoi e Matos (2006, p. 309) observam que o critério de saturação “imprime rigor ao processo de amostragem qualitativa, indiferente à aleatoriedade representativa da amostra estatística, conferindo-lhe confiabilidade científica”. A fim de se obter êxito no uso da Técnica de Saturação, para coleta de dados, é necessária uma sistematização cuidadosa, pois, embora possa parecer um procedimento decorrente de uma constatação, facilmente, atingível, o pesquisador, segundo Stratuss e Corbin (2008), deve estar atento aos critérios utilizados na aplicação e busca da saturação na amostra.

Santana (2019) verificou que a aplicação da Técnica da Saturação, na composição de corpus/*corpora*, confirma a proposta de Almeida (no prelo) que muda a perspectiva da quantidade para qualidade, na composição de corpus/*corpora*, a partir da Teoria dos Fractais, pois cada carta de amor estudada é semelhante a todas as cartas de amor, nas quais a parte está inscrita no todo. Dito isto, a seguir, tecemos os últimos fios constituintes da nossa argumentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado, que geramos na e pela linguagem, é, como sabemos, uma emergência da interação de distintas dimensões constituintes da vida humana, de modo que, para construí-lo, procedemos a conexões entre o biopsíquico, algo privado, mas, também, em alguma medida, público, e o geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológico, algo público, mas, também, individual, igualmente, em alguma medida. Entretanto, como antes demonstrado,

[...] habitualmente [tem] escapado à cogitação dos semanticistas (tanto formais como cognitivos) [...] o fato de que a *emergência do significado* – condição para que a comunicação se realize – tem necessariamente uma *dimensão pública*. As tendências analíticas classicamente prevalentes (o tratamento do sujeito cognitivo como *função monológica socialmente desenraizada* e a abordagem do contexto como *dimensão politicamente neutra*) negligenciam o reconhecimento de que a interpretação é *tanto ato cognitivo como ato social*. Portanto, o significado produzido interativamente não é apenas o significado possível, mas também o *significado aceitável conforme condições de arbitragem* operantes na situação (SALOMÃO, 1997, p. 33, grifos da autora).

Apesar dos seus quase 40 anos e dos esforços empreendidos por seus pesquisadores, a fim de elaborarem conhecimentos mais aproximados a respeito da linguagem e do significado, em Linguística-Semântica Cognitiva, ainda não vencemos, completamente, o pensamento que separa as teias constitutivas do fenômeno linguageiro e da significação. Então, a partir das nossas reflexões, concluímos que, ainda, precisamos ultrapassar barreiras impostas pelo pensamento dualista, enraizado na constituição da tradição dos estudos linguísticos.

Entre o que produzimos em ciência e o que fazemos com a linguagem, na nossa existência, ainda, há um largo espaço a ser estreitado, para produzirmos saberes mais aproximados sobre como criamos e agimos na e pela linguagem, pois se, como destaca Salomão (1999,p. 65), “[...] a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, prever o futuro, planejar ações”, ainda, precisamos formular conhecimentos sobre como se dão as conexões das dimensões da vida, para gerar linguagem e significados. Em face dessa complexidade, isto é, desse tecido junto, conforme posto pela Teoria da Complexidade, nós não podemos destruir as teias constituintes do sistema linguageiro e da significação, sob pena de gerarmos saberes fragmentados que mutilam os significados que construímos, no nosso dia a dia. Afinal, a construção do significado é, variavelmente, inter-relacionada a práticas sócio-histórico-culturais orais-escritas, multimodais, e, também, interconectada a questões de autoridade social e de poder, localizada, espacialmente, impregnada por ideologias, fruto das culturas das pessoas e dos grupos sócio-histórico-culturais dos quais são partes constituintes.

E se, no exercício de nossa prática enquanto semanticistas, encontrássemos um pesquisador que nos indagasse se, em face da cognição situada, proposta por cientistas cognitivos, haveria, de fato, a necessidade de falarmos de uma Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural, a resposta seria sim, embora alguns possam responder que não há razão para utilizarmos outro epíteto, além de cognitivo, para especificar, terminologicamente, a abordagem do significado que construímos. Todavia, pensamos que é fundamental marcar o nosso lugar de fala, de modo a realçar de onde e para quem falamos, explicitando, claramente, como concebemos os estudos semânticos em Linguística Cognitiva, já que nem sempre fica explícito, na produção acadêmica da área, pelo menos até onde consultamos, o entendimento da inviabilidade de tratar cognição independentemente das diferentes dimensões da vida que emerge da interação mente-corpo e ambiente, um modificando o outro.

Por fim, mas nem por isso menos importante, tecemos algumas palavras acerca da urgência de propormos metodologias que ultrapassem os limites impostos pelo léxico nos estudos do significado e que devolvam a autonomia do pesquisador, na constituição do corpus ou dos *corpora* de suas pesquisas, conseqüentemente, dos seus resultados. Logo, é premente que ocorra, conforme acentua Morin (2015 [1999]), a reintrodução do conhecimento no conhecimento, restaurando o sujeito e pondo em destaque o problema cognitivo central, qual seja: “da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas” (MORIN, 2015 [1999], p. 96), afastando-nos, assim, da doxa da quantificação, como exposto por Almeida (no prelo); dessa forma, poderemos ir além da quantificação para pensarmos, de modo mais afinado, nas questões que nos são postas pela abordagem qualitativa da linguagem e da significação humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A tessitura do conhecimento: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. *Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (IX SEF)*, Salvador-BA, no prelo.

BATORÉO, Hanna. J. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Caloust Gulbekian, 2000.

CAPRA, Frijot. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. N. R. Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006 [1996].

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk. *Diachronic prototype semantics: a contribution to historical lexicology*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GODOI, Christiane K.; MATTOS, Pedro L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A.B. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraid. Significado y motivación: la importancia de la corporeización en la semántica. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues.; SANTOS, Elisângela S. dos (Orgs.). *Linguística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 37-52.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América*, n. 77, p. 8-28, 2013. Disponível em: <<https://www.rose.uzh.ch/dam/jcr:fffff-f143-b75e-0000-00003aee8b86/C87.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

KÖVECSES, Zoltan. Universalidade versus não-universalidade metafórica. In: SIQUEIRA, Maity. (Org.). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 25, p.257-277, jul-dez, 2009.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEEZENBERG, Michiel. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após Metáforas da Vida Cotidiana, 2016 [2013]. Trad.: MARTINS, Erik. M. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1618>>. Acesso em 12 jun. 2019.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. E. Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015[1999].

MORS, Paulo. O Universo e seus fractais: a contribuição de Mandelbrot (entrevista concedida a M. Junges). *Revista do Instituto Humanista Unisinos*, São Leopoldo, ed. 349, ano x, p. 21-23, 2010. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3628-paulo-mors>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

PÉREZ, Elena. del C. La función de las metáforas en la construcción identitaria de Argentina. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela. Santana dos (orgs.). *Lingüística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 53-70.

PIZARRO PREDRAZA, Andrea. Tabú y eufemismo en la ciudad de Madrid Estudio sociolingüístico-cognitivo de los conceptos sexuales, 2013. Disponível em: <<https://eprints.ucm.es/24937/1/T35255.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SALOMÃO, Maria Margarida M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/issue/view/1182>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SALOMÃO, Maria Margarida M. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a linguística cognitiva e suas relações com outras ciências, *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 15-25, 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/entrevista.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2019.

SALOMÃO, Maria Margarida M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem, *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v.1, n. 1, p. 23-39, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25385>>. Acesso em: 25 maio 2019.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX. 212

f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2019.

SILVA, Augusto Soares da. O que a semântica cognitiva pode dizer aos estudos dos *media*. In: SILVA, Augusto Soares da et al. (orgs.). *Comunicação, cognição e media*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2010a. p. 1547-1567. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323116887_O_que_a_Semantica_Cognitiva_pode_dizer aos_estudos_dos_Media>. Acesso em: 26 maio 2019.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade, *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 27-53, 2010b. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo1.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SILVA, Augusto Soares da. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro, *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1-2, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo035.pdf>>. Acesso em: 26.05.2019.

SILVA, Tayssa D. L. da; SILVA, Edcleide M. da. Mas o que é mesmo corpus? Alguns apontamentos sobre a construção de corpo de pesquisa nos estudos em Administração. *XXXVII Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, p. 1-15, set. 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1021.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Trad. Laura de O. da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VEREZA, Solange C. *Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva*, *Linguagem em (dis)curso* [online], v. 16, n. 3, p. 561-573, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v16n3/1518-7632-ld-16-03-00561.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2019.

